

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO**

Layze Machado da Silva

**Instituto Arraial do Pavulagem:
a gestão de um projeto cultural no norte do Brasil**

São Paulo

2019

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO**

**Instituto Arraial do Pavulagem:
a gestão de um projeto cultural no norte do Brasil**

Layze Machado da Silva

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito para obtenção do título de
Especialista em Gestão de Projetos Culturais.

Orientador: Prof.^a. Dr^a Jane A. Marques

São Paulo

2019

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a meus pais e minha irmã, que me apoiaram na decisão de realizar o esse curso, e principalmente, me motivaram a continuar e não desistir dos meus sonhos, mesmo que a distância.

Agradeço à professora Jane Marques pela atenção e dedicação à esse trabalho e também ao Junior Soares, que concedeu entrevista e é um dos idealizadores do projeto aqui estudado e tem a grande função de propagar a cultura tradicional paraense.

Obrigada aos professores e equipe do Celacc que nos acompanharam na jornada do curso de Gestão de Projetos Culturais que foram imprescindíveis na nossa evolução pessoal e profissional.

**Instituto Arraial do Pavulagem:
a gestão de um projeto cultural no norte do Brasil¹**

Layze Machado da Silva²

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar a gestão de um projeto cultural, que ocorre na cidade de Belém do Pará, o Instituto Arraial do Pavulagem, organização sem fins lucrativos que promove cortejos juninos na cidade de Belém e também oficinas de formação em música, dança e artes cênicas para a comunidade. O objeto deste estudo é investigado como forma de entendimento sobre os recursos utilizados pelos organizadores para a manutenção do projeto no norte do país, haja vista a escassez de políticas públicas e recursos voltados para a região.

Palavras-chave: Arraial do Pavulagem, políticas públicas, gestão de projetos, Belém.

Abstract: This article aims to analyze the management of a cultural project, which takes place in the city of Belém do Pará, Instituto Arraial do Pavulagem, a non-profit organization that promotes a traditional festival in June in the city and also training workshops in music, dance and performing arts for the community. The object of this study is investigated as a way of understanding the resources used by the organizers for the maintenance of the project in the north of the country, considering the scarcity of public policies and resources directed to the region.

Key words: Arraial do Pavulagem, public policies, project management, Belém.

Resumen: Este artículo tiene por objetivo analizar la gestión de un proyecto cultural, que tiene lugar en la ciudad de Belém do Pará, el Instituto Arraial do Pavulagem, organización sin fines de lucro que promueve una fiesta tradicional en el mes de junio en la ciudad de Belém también talleres de formación en música, danza y artes escénicas para la comunidad. El objeto de este estudio es investigado como una forma de entendimiento sobre los recursos utilizados por los organizadores para el mantenimiento del proyecto en el norte del país, teniendo en cuenta la escasez de políticas públicas y recursos dirigidos a la región.

Palabras clave: Arraial do Pavulagem, políticas públicas, gestión de proyectos, Belém.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais.

² Graduada em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Pará. Pós-graduanda Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos pelo Centro de Estudos Latino-Americanos Sobre Cultura e Comunicação, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Orientação da Prof. Dra. Jane A. Marques.

1. INTRODUÇÃO

O norte do país caracteriza-se como uma região com manifestações culturais muito marcantes. A miscigenação de índios, negros e brancos é responsável por essas características que se refletem na culinária, na música e nos hábitos do povo da região. Muitas das manifestações culturais por esses povos, se ressignificaram e fazem parte da cultura da região até os dias atuais. Uma delas, é a tradição do boi-bumbá, que tem popularidade tanto no Norte quanto no Nordeste, tendo suas características e variações de acordo com cada local.

Belém, capital do estado do Pará, por exemplo, é uma das cidades que tem uma cultura diversificada, onde as tradições mais antigas convivem com as formas modernas de vivência. A população sofre influência de tradições regionais, que se mantiveram firmes ao longo do tempo, mas também é atingida por influências internacionais massificadas pela mídia.

A musicalidade na região, por exemplo, é um dos aspectos que sofrem com essa hibridação. De acordo com García Canclini (2007, p. 22), com a hibridização “Busca-se reconverter um patrimônio (uma fábrica, uma capacitação profissional, um conjunto de saberes e técnicas) para reinseri-los a novas condições de produção e mercado.” A música e dança tradicionais, como carimbó, brega, lundu, marujada e boi-bumbá fazem parte também de festejos e que, mesmo com o passar do tempo, ainda permanecem como característicos.

O objetivo deste estudo é discorrer sobre a gestão de um projeto cultural, que ocorre na cidade de Belém do Pará, o Instituto Arraial do Pavulagem. Fundado em 2003 pelo Grupo Musical Arraial do Pavulagem, banda que movimenta a cidade, principalmente no mês de junho, quando acontecem cortejos juninos que levam a cultura do boi-bumbá para as ruas de Belém, promove ações de educação cultural e traz para os dias atuais as raízes da cultura popular amazônica e suas tradições musicais, por meio da dança, da música e do teatro; e oferece oficinas que são realizadas antes de acontecer os principais cortejos.

Com o Instituto, o grupo oferece oficinas e palestras com o objetivo de propagar e compartilhar com a população a vivência com os ritmos, batuques e danças típicos da cultura Amazônica, desenvolvendo a ideia de pertencimento para quem se identificar, e possibilitando que pessoas de todas as idades participem dessa manifestação cultural.

Partindo-se da perspectiva de que as políticas culturais devem ser vistas como atividades de inclusão social e alternativas de geração de renda e, ainda assim, são atividades que não ganham apoio público em regiões mais “distantes” do centro econômico do país, é de interesse analisar como se dá a gestão de um projeto no norte do país, suas formas de manutenção, sustentação e organização para se fazer acontecer.

Alguns autores trazem à tona a discussão sobre a má distribuição dos recursos das leis de incentivo fiscal para a cultura, já que a concentração de patrocínios e patrocinadores está na região sudeste do país.

Os investimentos na região Centro-Oeste representam apenas 2,8% e da Norte menos de 1% do que é investido em cultura. Comparando esse dado com a distribuição espacial da população no país, percebemos que há uma grande concentração dos recursos investidos em cultura, visto que apenas 42,12% da população brasileira localiza-se na região Sudeste (COSTA; MEDEIROS; BUCCO, 2017, p. 518).

Isaura Botelho (2001) afirma que é necessário que ocorra uma reorganização das estruturas sociais e uma nova distribuição de recursos econômicos, para que a política atinja a cultura na sua dimensão antropológica. “Na dimensão antropológica, a cultura se produz através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas” (BOTELHO, 2001, p. 74).

Assim, este estudo de caso tem como objetivo analisar o Instituto Arraial do Pavulagem, observando a importância do projeto para a manutenção das tradições culturais paraenses, e entender como se dá a gestão deste projeto em uma região com pouco acesso às verbas públicas de patrocínio ligadas ao incentivo à cultura.

Para análise do projeto são utilizados autores estudados durante as disciplinas do curso e que trazem a análise do cenário de políticas públicas no Brasil. Uma delas é a filósofa Marilena Chauí (2006) que discorre sobre os direitos do cidadão de ter acesso aos bens culturais, além dos estudos de Isaura Botelho (2001), gestora cultural, que aborda em sua obra os aspectos da gestão pública a partir das dimensões culturais, para assim compreender o cenário atual das políticas públicas voltadas para a área da cultura. Também foi analisada a obra “Amazônia, cultura e cena Política no Brasil”, organizada pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará e é composta por artigos que abordam sobre o cenário das políticas públicas voltadas para a cultura na região amazônica.

Para fins metodológicos, além de pesquisa e análise bibliográfica sobre cultura e de pesquisa documental, também foi realizada uma entrevista semiestruturada com Junior Soares, fundador e um dos organizadores do Projeto³, para análise com enfoque empírico analítico, buscando compreender a estrutura do projeto e como este é percebido pelos seus participantes. A entrevista também tem como objetivo compreender melhor as origens, dados históricos

³ A transcrição, na íntegra, está apresentada no Apêndice deste trabalho.

relevantes, formação de parcerias que fazem parte da história do projeto e sejam de interesse para a análise desta pesquisa.

2. POLÍTICAS PÚBLICAS E O CENÁRIO NA REGIÃO NORTE

2.1 – O Sistema Nacional de Cultura

Dorotéia Lima (2016, p. 8) ao abordar o cenário das políticas públicas voltadas para a área da cultura, entre o período de 2003 a 2006, cita a “importância da Unesco na disseminação da institucionalização da Cultura”, já que por meio de resoluções, conferência e encontros entre os países, a instituição conseguiu inserir a temática da Política Cultural no cenário internacional.

O período de análise é citado pela autora como o de maior avanço da institucionalização da cultura, com a implementação de políticas culturais ligadas ao Sistema Nacional de Cultura (SNC)⁴. Esse processo de implementação ocorreu principalmente durante os governos de Luiz Inácio Lula da Silva e ia contra o que era praticado em governos anteriores, que foram marcados por desarticulações entre União, Estados e Municípios no campo das políticas culturais. Com o SNC pretendia-se descentralizar a gestão das políticas culturais, dando autonomia e responsabilidades específicas para cada ente federativo (OLIVEIRA, 2016).

Essas mudanças objetivavam “consolidar institucionalmente as políticas públicas de cultura – manifestadas em programas, projetos e ações – com o intuito de assegurar a cidadania cultural” (OLIVEIRA, 2016, p. 24). Entendia-se também, a necessidade da participação social como forma de democratização da cultura, não mais restringindo-se cultura à ideia da dimensão sociológica, que “refere-se a um conjunto diversificado de demandas profissionais, institucionais, políticas e econômicas, tendo, portanto, visibilidade em si própria” (BOTELHO, 2001, p. 74). Dessa forma, amplia e reflete os aspectos populares da cultura.

(...) o conceito ampliado de cultura necessita de políticas igualmente ampliadas. E esse é o caminho mais democrático, na medida em que se compreende todos os indivíduos e grupos sociais como sujeitos culturais. Desse modo, as ações do estado para promover os direitos culturais não se restringem aos artistas, intelectuais e instituições artísticas. Haja vista que o caráter democrático do conceito amplo de cultura imprime nas políticas

⁴ “O SNC é um sistema público, descentralizado e participativo, que, com os auspícios da CF/88, institui um pacto, um processo de gestão compartilhada entre os entes federativos da República com ampla participação da sociedade civil. O sistema busca ser um eixo estruturante do campo cultural, dando mais resistência às políticas públicas diante das alternâncias do poder, representado, ao mesmo tempo, uma política pública nacional e um modelo de gestão compartilhada. Com estabilidade, institucionalidade e integração, as políticas culturais poderiam ser consideradas políticas de Estado, com ações planejadas que ultrapassem o período de gestões de governos específicos” (OLIVEIRA, 2016, p. 24).

culturais as características de cidadania, ou seja, o reconhecimento de que todos são detentores de direitos culturais. (OLIVEIRA, 2016, p. 23)

Considerando esses aspectos, o Ministério da Cultura instituiu as três dimensões da cultura: simbólica, cidadã e econômica, que consideram a diversidade cultural como o maior patrimônio da população brasileira (BRASIL, 2010), permitindo ao MinC “voltar-se a diversidade das culturas populares contemporâneas como o hip hop, ou tradicionais, dos povos indígenas e dos povos e comunidades tradicionais, como quilombolas, ciganos e terreiros afro religiosos (BOGÉA; FIGUEIREDO, 2016, p. 71).

A implementação do SNC necessita da adesão voluntária de estados e municípios. Oliveira (2016) comenta que mesmo com os esforços do Sistema em ampliar e democratizar os recursos financeiros, isso ainda não é de fato concreto, pois a política de financiamento cultural ainda é majoritariamente pautada na renúncia fiscal. Mas reforça que os avanços nas políticas de cultura são inegáveis e permanecem em construção apesar dos desafios.

2.2 – Cenário das políticas públicas no Pará

Para garantir um dos principais objetivos do Plano Nacional de Cultura, o de democratizar a cultura e dar mais autonomia aos estados e municípios, seria necessário rever as então práticas culturais do país. A principal lei de incentivo, Rouanet, incentiva empresas privadas a apoiarem projetos culturais em troca de renúncia Fiscal. Nesse processo a “atuação do MinC se restringia à prévia aprovação dos projetos” (BOGÉA; FIGUEIREDO, 2016, p. 72), ficando por conta das empresas a escolha de quais ganhariam o apoio e patrocínio. Esse formato acaba por atingir apenas os projetos que geram maior visibilidade aos patrocinadores.

Isso reflete nos seguintes números citados por Costa (2011 apud BOGÉA; FIGUEIREDO, 2016, p. 72): de 1 bilhão de reais, que são destinados anualmente a projetos culturais por meio da renúncia fiscal, 80% são captados por apenas uma, das cinco regiões do país, a sudeste. Mas especificamente entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Como forma de mudar esse Cenário, foi elaborado o “Programa Nacional de Fomento e Incentivo à Cultura (PROCULTURA), PL nº 6722/2010, como alternativa para corrigir distorções das leis de incentivo” (BOGÉA; FIGUEIREDO, 2016, p. 74) e com a proposta de incorporar os setores da sociedade nos processos de difusão cultural.

Bogéa e Figueiredo (2016) destacam que, diante desse cenário, foram organizadas as Conferências de Cultura Municipais, Estaduais e Nacionais como propostas de diálogo entre

sociedade civil e poder público, se tornando espaços de intensa participação da sociedade civil no debate dessa nova agenda das políticas públicas de cultura para o país.

Para os Estados da Região Amazônica, devemos destacar a importância da Conferência Nacional de Cultura no sentido de trazer para os debates a realidade da Amazônia como: logística dentro de regiões geograficamente isoladas, necessidades de capacitação profissional de gestores culturais, escassez de equipamentos, entre outros. Assim foi possível enxergar a necessidade de maiores incentivos para a região, como o Programa Amazônia Cultural.

Da forte mobilização na região para inserir o Custo Amazônico no Projeto de Lei do ProCultura, num esforço para, ao corrigir desequilíbrios regionais, conquistar, nesse gênero, o lugar próprio do Custo Amazônico, vale destacar a audiência pública, realizada em Belém, em 31 de outubro de 2011, quando o Deputado Relator do PL ProCultura e o então Secretário de Fomento e Incentivo à Cultura do MinC receberam um caderno de propostas com sugestões de inclusão/alteração em vários dos dispositivos. Outro momento que marca essa trajetória foi o lançamento, em 1º de agosto de 2013, do Programa Amazônia Cultural pela Ministra da Cultura, na 2ª Conferência Municipal de Cultura de Boa Vista, Roraima. Conforme elaborado – por anos – pelo MinC, em parceria com o Fórum de Gestores de Cultura da Região Norte, o Programa contaria inicialmente com recursos na ordem de R\$ 15 milhões provenientes da Lei Rouanet, para apoiar todos os segmentos culturais dos Estados da região Norte do país. Em 2012, foi anunciado que o lançamento seria feito nesse formato, pela então Ministra da Cultura, em 12 de novembro, na capital paraense.

Na versão lançada em 2013, o Programa Amazônia Cultural contou com R\$ 5 milhões do Fundo Nacional de Cultura para investir em projetos que estimulassem, capacitassem e difundissem ações da cultura brasileira na região Norte, para produtores, artistas, técnicos, agentes e estudiosos culturais que aí residissem. Ao compartilhar dúvida legítima sobre a diminuição do valor total do recurso destinado ao Programa, é reconhecidamente uma conquista, porque, pela primeira vez na história do Ministério da Cultura, a região possui um programa próprio, e isso resulta fazer o Brasil compreender que a Amazônia precisa de mais do que políticas voltadas para sanar desequilíbrios regionais, já previstas no âmbito do ProCultura (BOGÊA; FIGUEIREDO, 2016, p. 80-81).

O programa Amazônia Cultural funcionava por inscrição em edital e tinha como objetivo estimular o fomento da cultura principalmente no interior dos estados e bonificava projetos que tivessem origem nas cidades interioranas. “Saem na frente da disputa, os candidatos do interior e de povos tradicionais já que podem ganhar até dois pontos de bonificação. A expectativa é levar a cultura gratuita nas áreas mais remotas da região” (PROGRAMA AMAZÔNIA CULTURAL, 2013). O único edital divulgado no *site* do programa data de agosto de 2013. O resultado do processo de seleção não encontra-se disponível.

Esse cenário muda com o golpe em 2016, com a extinção e depois recriação do Ministério da Cultura, com ações reduzidas. Entendendo a ausência de políticas culturais no Pará, assim como em outros estados brasileiros cuja elite

política não considera esse aspecto da vida humana relevante, e reproduz esquemas de benefícios classistas, e com o desmantelamento do ministério, importa ressaltar a dificuldade que agora esse sistema terá para ser colocado em prática. Nesse caso, todos os problemas e avanços do SNC, que representaria o caminhar dos ajustes necessários ao encontro de uma política mais adequada ao país e aos criadores dessa cultura, retrocedem. A cultura no Pará poderá voltar a ser definida pela política das “vantagens aos amigos”, mas o que se espera é que o sistema tenha deixado frutos: a autonomia dos grupos culturais para pressionar as ausências e para criar, “apesar de” (FIGUEIREDO, 2016, p. 82).

No cenário atual do SNC, o quantitativo de adesão dos municípios e estados, publicado no Portal do Sistema Nacional de Cultura (portalsnc.cultura.gov.br), em 09 de janeiro de 2019, há indicação de que 25 estados e o Distrito Federal possuem acordo de cooperação com o Sistema. O estado do Pará está com a adesão ao acordo pendente de renovação. Mas 85, dos 144 municípios aderiram ao Sistema. Belém, capital do estado, até a data de publicação do documento, também não havia renovado o acordo de cooperação.

3. O INSTITUTO ARRAIAL DO PAVULAGEM

3.1 – Os cortejos

O Arraial do Pavulagem é um cortejo que ocorre em duas épocas do ano, na cidade de Belém, capital do Pará. São elas: a partir do segundo sábado do mês de junho e acontece nos três sábados subsequentes fazendo parte das manifestações juninas que ocorrem na cidade; e no segundo sábado do mês de outubro, fazendo parte das programações do Círio de Nazaré.

Em junho, o cortejo sai da Escadinha do Cais do Porto (Figura 1), ao lado da Estação das Docas, ponto turístico da capital paraense, e se direciona para a Praça da República em um percurso de aproximadamente 700m e conta com a participação de cerca de 30 mil brincantes, ou seja, os participantes do cortejo. Durante esse trajeto é contada a história do boi, por meio de elementos lúdicos (Figuras 2 e 3). O mais simbólico é o chapéu de palha, bordado com grandes fitas coloridas, que além de proteger do calor, também agrega cor e alegria à festa, tanto que se tornou o símbolo do cortejo.



Figura 1: Concentração do Arraial da Pavulagem na Escadinha do Cais do Porto, antes da saída do cortejo.
Fonte: Facebook Arraial do Pavulagem: <https://bit.ly/2CTzqDf>



Figura 2: Brincantes durante a caminhada até a Praça da República.
Fonte: Facebook Arraial do Pavulagem: <http://twixar.me/j0j3>



Figura 3: Brincantes durante a caminhada até a Praça da República.

Fonte: Facebook Arraial do Pavulagem: <http://twixar.me/DWc3>



Figura 4: Chegada do Boi Pavulagem na Praça da República.

Fonte: Facebook Arraial do Pavulagem: <http://twixar.me/p0j3>



Figura 5: Banda em apresentação na Praça da República.
 Fonte: Facebook Arraial do Pavulagem: <http://twixar.me/qLc3>

O percurso, que leva aproximadamente 40 minutos é repleto de música e dança. Os que vão acompanhando o boi seguem cantando as tradicionais canções do grupo Arraial do Pavulagem e dançando com coreografias e passos já ensaiados. A musicalidade traz uma mistura de carimbó e marujada, que vai embalando os participantes.

Num carro de som que vai à frente, um animador vai contextualizando os elementos presentes naquele universo. Na sequência, alas de brincantes que se organizam espontaneamente em ordem de chegada: os cavalinhos e boizinhos que as crianças assumem; os estandartes dos santos empunhados geralmente pelas senhoras mais velhas do grupo, os brincantes, os músicos, os bois – Pavulagem, Malhadinho, Urube e outros convidados (quase sempre os tradicionais dos bairros de Belém), os pernas-de-pau (que desempenham o papel de harmonia do conjunto) os simpatizantes que assistem e, ao final, seguem o cortejo. Uma vez na Praça, todos se organizam no centro, em volta do palco em que a banda realiza um show, e, cada vez mais, a população canta em coro, acompanhando as músicas. No último domingo de junho, o mastro é derrubado, encerrando a quadra festiva (LIMA; GOMBERG, 2012, p. 55-56).

Já no Arrastão do Círio, que ocorre no segundo sábado de outubro, o cortejo se difere em trajeto e também traz elementos característicos da Procissão do Círio de Nazaré, como os tradicionais brinquedos de miriti⁵. O percurso sai logo após a chegada do Círio fluvial, também na Escadinha do Cais do Porto, porém segue para a Praça do Carmo em um trajeto de 1,6km.

Celebrando os brinquedos populares de miriti, o Arrastão simula uma extensão da romaria fluvial, conduzindo a barca “Rainha das Águas” e vários barquinhos de miriti pelas ruas do centro histórico de Belém. A embarcação foi incorporada à manifestação em 2012 para substituir a cobra de miriti que

⁵ Os brinquedos de miriti são feitos a partir da fibra da Palmeira de Miriti, típica da região amazônica. Os artesãos fabricam brinquedos que remetem ao imaginário da região, como barcos e pássaros e vendem esses produtos principalmente na época do Círio de Nazaré.

até então era a figura central do cortejo, mas mantém a homenagem aos brinquedos populares tradicionais do período do Círio de Nazaré, que representam de forma lúdica o trabalho do homem na floresta amazônica (G1 PARÁ, 2018).

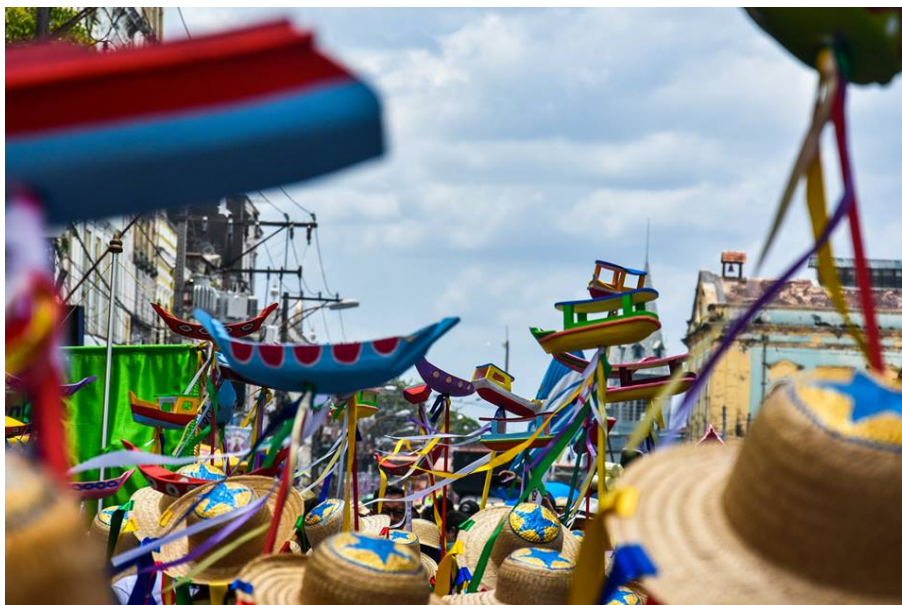


Figura 6: Brinquedos de miriti no Arrastão do Círio.
Fonte: Facebook Arraial do Pavulagem: <http://twixar.me/BFj3>

O Círio de Nazaré é uma das maiores manifestações religiosas do mundo e movimenta a cidade de Belém anualmente. A principal procissão acontece no segundo domingo de outubro, há mais de 200 anos, e consiste em um trajeto que leva a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, padroeira da cidade, entre duas das principais igrejas de Belém: Catedral da Sé e Basílica de Nazaré. Ao longo da história, o número de fieis cresceu tanto, que a organização do Círio foi criando diversas outras procissões com o objetivo de fazer com que a Santa homenageada chegasse próxima à mais devotos. Hoje, são 15 romarias que compõem um mês inteiro de festas.

O Círio Fluvial é uma dessas romarias, que percorre os rios no entorno da cidade, e ocorre no segundo sábado de outubro na parte da manhã. A chegada da Santa acontece na escadinha do Cais do porto, e é recepcionada pelo Arrastão do Pavulagem, assim, esse cortejo especial do mês de outubro é uma homenagem a mais uma das tradições do povo amazônico.



Figura 7: Encenação da extensão do Círio Fluvial com a condução da barca “Rainha das Águas”
 Fonte: Facebook Arraial do Pavulagem: <http://twixar.me/YFj3>

3.2 – O Instituto Arraial do Pavulagem

O Arraial do Pavulagem acontece desde 1987 com os cortejos pelas ruas da cidade. Em 2003, com o crescimento do trabalho, o grupo institucionalizou-se, formando o Instituto Arraial do Pavulagem, organização autônoma e sem fins lucrativos. Segundo o *site* do Arraial (2018), o Instituto “desenvolve ações de educação cultural que contribuem para transmitir e fortalecer o saber oral e tradicional da Amazônia”. Essas ações estão distribuídas entre oficinas, palestras, seminários, *shows*, que buscam transmitir as tradições amazônicas por meio da música, da dança ou do teatro.

As oficinas são ofertadas por meio de inscrição realizada no *site* do Arraial do Pavulagem [<https://arraialdopavulagem.wordpress.com/oficinas2018/>], que são oferecidas gratuitamente para a comunidade e buscam trabalhar as “diversas expressões artísticas que celebram a memória dos povos da região Amazônica” (INSTITUTO ARRAIAL DO PAVULAGEM, 2019). Elas ocorrem na sede do Instituto, localizada em frente à praça dos estivadores, local de partida do cortejo, o que torna a praça, desde as oficinas, um local de ensaios e atividades do grupo.

Os interessados podem se inscrever nas modalidades de dança, artes cênicas, artes circenses, além de composição e percussão, com o objetivo de preparar novos brincantes para os cortejos. Das oficinas saem os dançarinos e músicos que levam os ritmos tradicionais da

região às ruas nos dias de Arrastão, os pernas-de-pau e malabaristas (figura 3) que tornam o universo do cortejo ainda mais lúdico.

Atualmente são abertas 200 vagas para as oficinas e contam com participantes de diversas idades e cidades das proximidades de Belém. Almeida (2009), ao comentar sobre a participação das pessoas em atividades culturais, diz que muitas vezes deixam de exercê-las por falta de oportunidades e pela distância. Segundo o organizador do projeto, Junior Soares, o público frequentador das oficinas têm tanto interesse pelo projeto que percorrem longas distâncias para conseguir participar das aulas, refletindo no pertencimento que essas pessoas têm ao fazerem parte do grupo seja por meio da dança, da música, ou do teatro.

Pesquisas na área de psicologia revelam que cada vez mais a expressão artístico cultural é um fator importante e necessário para o ser humano e deve ser disponibilizada a todas as pessoas. A arte torna-se então uma ferramenta essencial na construção da vida e identidade do cidadão. A prática artística tem se mostrado relevante para proporcionar maior riqueza interior, vitalidade e humanismo. A experiência em atividades culturais é capaz de engrandecer o ego e a autoestima, proporcionando maior qualidade de vida ao ser humano. Muitas pessoas têm interesse em participar desse tipo de atividade, porém nem sempre podem fazê-lo devido à falta de recursos financeiros, de oportunidades ou até mesmo pela distância (ALMEIDA, 2009, p. 10).

4. SOBRE A MANUTENÇÃO DO PROJETO

Em fevereiro de 2019, Junior Soares, um dos fundadores do Arraial do Pavulagem, foi entrevistado e, em sua fala, ele discorreu sobre as proporções que o evento tomou e também abordou o formato de “Instituto” como uma necessidade de institucionalização perante os órgãos públicos e empresas privadas, visando a viabilização dos cortejos juninos a cada ano.

O Arraial do Pavulagem começou há mais de 30 anos como uma banda, formada por alguns músicos amigos que se reuniam em praça pública e atraíam algumas pessoas ao redor. Nessa época, o sustento da banda vinha da contribuição daqueles que apreciavam. Ao longo dos anos o movimento cresceu e chegou ao que é hoje: uma manifestação que se tornou patrimônio imaterial da cidade de Belém e que leva uma multidão para as ruas da cidade.

A cada ano, os organizadores do projeto buscam viabilizar o acontecimento da manifestação. Com o formato de instituto, o grupo necessita sustentar as seguintes frentes: saída dos cortejos nos meses de junho e outubro, realização das oficinas e a banda arraial do Pavulagem. Para que isso se faça acontecer, o grupo conta com parcerias, apoio e patrocínio tanto público, quanto privado.

Segundo Junior, no ano de 2018, as ações ocorreram com os seguintes recursos: 50% com verba da prefeitura, que acaba tendo uma “responsabilidade” com o grupo pelo título de

Patrimônio Imaterial da cidade; e os outros 50% de patrocínio direto com a mineradora Vale, Além dos recursos institucionais, também são realizados alguns eventos na sede do Instituto, que visam a arrecadação de verba para a manutenção do espaço das oficinas, que é cedido ao grupo pela Santa Casa do Pará, hospital público do estado.

A gente tem uma sede, que tem um regime de comodato. É um espaço da Santa Casa de Misericórdia do Pará, que fica na Boulevard Castilho França e nesse lugar funciona tudo o que a gente faz. O que nós aproveitamos é que na frente da sede tem a praça dos estivadores, onde tudo acontece lá. Como as oficinas são pra 200 pessoas, a gente acaba utilizando a praça como uma extensão do instituto.

O Instituto Arraial do Pavulagem tem um presidente e um vice e um conselho fiscal, com um suplente e uma diretoria. Abaixo deles, a gente não tem definida uma estrutura. Mas tem o pessoal que cuida da comunicação, tem o pessoal que cuida da infraestrutura, e o pessoal que cuida da organização das oficinas (SOARES, 2019).

Para o ano de 2019, os organizadores devem contar com os recursos da prefeitura e também do patrocínio direto da Vale, além desses, também possuem projeto aprovado pela lei Semear, que é a lei de renúncia fiscal estadual, e por meio dela devem contar com o patrocínio da Celpa (Centrais Elétricas do Pará). Mesmo com três meses para o acontecimento do primeiro cortejo, ainda há incertezas sobre as verbas disponíveis para essa realização.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário das Políticas públicas no norte do país passou por processos significativos ao longo do tempo. O reconhecimento das dificuldades da região trouxeram um olhar diferente sobre as práticas e vivências culturais dos estados, além de promover algumas melhorias nesse âmbito para a região. O Programa Amazônia Cultural, citado anteriormente, é reflexo dessa nova visão para a realidade do norte do país.

Atualmente a cidade de Belém e o Estado do Pará contam com uma lei de incentivo estadual, a Lei Semear, e a Tó Teixeira no âmbito municipal. Ambas funcionam pelo processo de renúncia fiscal, e sofrem com críticas ligadas à esse mecanismo que acaba concentrando os recursos da cultura, “Isso porque são as empresas que definem os projetos culturais a serem financiados, tendo em vista, sobretudo, o retorno de ‘imagem de mercado’ que o artista ou grupo cultural pode proporcionar às empresas.” (SANTOS, 2016, p. 106).

O Instituto Arraial do Pavulagem, dentro desse cenário, graças a grande visibilidade que possui na cena cultural da cidade, consegue não depender unicamente deste tipo de recurso. Com patrocínio direto da mineradora Vale, o que representa pelo menos metade da verba

necessária para a realização dos eventos e oficinas do Instituto. Porém, ainda assim, Junior Soares relata sobre as incertezas com relação às verbas de patrocínio

A Vale usa os seus direitos de uso de imagem, dessa associação de imagem com a gente que é forma de ter o retorno potencializado deles. Acho que o alcance da mensagem e das coisas que fazemos via mídia, via imprensa, via marketing, eu acho que ela foi realmente potencializada e muito com essa parceria que a gente tem com a Vale. Acho que isso foi fundamental pra nós. Não temos essa capacidade tão grande de, por exemplo, produzir filmes, documentários, clipes, que são muito caros. Então isso não entra no budget do projeto, mas a empresa acaba fazendo como um bônus a mais, até pra ela aparecer. Então dessa forma acho que a gente conseguiu avançar e muito com relação ao conhecimento do que nós somos e do que a gente tá querendo fazer na região amazônica.

.....

Estamos já com a promessa da Vale esse ano, não sei como que vai ser com relação a essa última tragédia de Brumadinho, mas já temos um aceno nessa direção. Nós temos um aceno da prefeitura também pra questão da estrutura e temos, pela lei estadual, um projeto em negociação com a Celpa, para utilizar a lei semear que é a lei de incentivo a Cultura do Estado do Pará. (SOARES, 2019).

Essa forma de apoio, mesmo que direta, reflete as críticas apresentadas para as leis de renúncia fiscal, que acabam por centralizar os recursos em grandes projetos, atendendo aos objetivos da visibilidade mercadológica.

O Instituto Arraial do Pavulagem, se tornou o grande projeto que é hoje, graças ao seu formato que traz música e dança aos mais variados tipos de pessoas, criando uma identidade com elas. Ao longo da sua existência, têm formado cada vez mais novos brincantes, tornando-os também formadores que carregam consigo o pertencimento à cultura amazônica. Junior Sores relata sobre sua experiência atual no projeto e dos depoimentos positivos dos participantes das oficinas e cortejos.

São formas diferentes, mas todas essas ações estão na direção de atingir aquela coisa do pertencimento. As pessoas passam por essas oficinas, entendem como é a cultura, de onde vem os ritmos, de onde vem aquele tambor, de onde vem aquelas manifestações que a gente aborda, aí nós acreditamos que isso traz uma sensação de pertencimento pra essas pessoas. E isso sem dúvida acaba impactando na autoestima. Eles acabam olhando de uma forma diferente para a cultura paraense (SOARES, 2019).

Lima (2016, p. 13) cita que “Em 1988, a Constituição Brasileira, [...] assegura aos cidadãos que o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais, o acesso às fontes da cultura nacional, bem como prestará apoio e incentivo à difusão e à valorização das manifestações culturais.”. Diante do exposto neste trabalho, entende-se que muito ainda temos a evoluir com relação à difusão da cultura na região Amazônica. Mesmo projetos de grande visibilidade e com títulos importantes, ainda contam com incertezas com relação à apoios e

patrocínios. Porém percebe-se a grande importância que projetos como esse têm para a formação e manutenção da identidade cultural da população da região. E que mesmo com falta de recursos ou dificuldades, organizadores, instrutores e alunos fazem o possível para a manifestação ocorrer e continuar levando os ritmos da cultura amazônica para as ruas de Belém.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lilian. **Oficina Cultural Amácio Mazzaropi: Inclusão e Humanização pela Cultura**. Monografia (Especialização em Gestão de Processos Culturais) – Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BOGÉA, E; FIGUEIREDO, S. Foi Assim: O Sistema Nacional de Cultura no Pará. In: FIGUEIREDO, L. et all. **Amazônia, Cultura e Cena Política no Brasil**. Belém: NAEA, p. 71-82, 2016.

BOTELHO, Isaura. **Dimensões da cultura e políticas públicas**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 73-83, abr. 2001.

BRASIL. Ministério de Estado da Cultura. **Cultura em três dimensões: as políticas do Ministério da Cultura de 2003 a 2010**. Brasília, DF: MinC, 2010.

CHAUÍ, M. **Cidadania Cultural: o direito à cultura**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

COSTA, C; MEDEIROS, I; BUCCO, G. O financiamento da cultura no Brasil no período 2003-15: um caminho para geração de renda monopolista. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 4, p. 509-527, ago. 2017.

FIGUEIREDO, L. et all. **Amazônia, Cultura e Cena Política no Brasil**. Belém: NAEA, 2016.

G1 PARÁ. **Arrastão do Círio percorre as ruas de Belém neste sábado para celebrar o Círio**. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2018/noticia/2018/10/10/arrastao-do-cirio-percorre-as-ruas-de-belem-neste-sabado-para-celebrar-o-cirio.ghml>. Acesso em: 07 de janeiro de 2019

GARCÍA CANCLINI, N. **Cultura transnacional y culturas populares**. Lima: IPAL Apartado Postal, 1998.

GARCÍA CANCLINI, N. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade**. São Paulo: EdUSP, 2007

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

INSTITUTO ARRAIAL DO PAVULAGEM. **Arraial do Pavulagem abre inscrições para período de oficinas**. Disponível em: <https://arraialdopavulagem.wordpress.com/oficinas2018/>. Acesso em: 07 de janeiro de 2019.

LIMA, D.; GOMBERG, E. Cultura, patrimônio imaterial e sedução no Arraial do Pavulagem, Belém (PA), Brasil. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 53-67, nov. 2012.

LIMA, M. É preciso estar atendo e forte. In: FIGUEIREDO, L. et all. **Amazônia, Cultura e Cena Política no Brasil**. Belém: NAEA, p. 8-15, 2016.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Sistema Nacional de Cultura**. Disponível em: <http://snc.cultura.gov.br>. Acesso em: 25 de janeiro de 2019.

MINISTÉRIO DA CIDADANIA. **Programa Amazônia Cultural**. Disponível em: <http://cultura.gov.br/programa-amazonia-cultural/>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2019

OLIVEIRA, D. Marco Institucional para as políticas culturais no Brasil: o Sistema Nacional de Cultura. In: VASCONCELOS-OLIVEIRA, M. C.. (Org.). **Políticas públicas de cultura**. São Paulo: Escola do Parlamento da Câmara Municipal de São Paulo, p. 23-30, 2016.

SANTOS, V. A Lei Valmir Santos e a implementação do Sistema Municipal de Cultura de Belém: Os avanços e golpes em relação à democratização da política cultural de Belém. In: FIGUEIREDO, L. et all. **Amazônia, Cultura e Cena Política no Brasil**. Belém: NAEA, p. 105-116, 2016.

SOARES, J. Entrevista concedida a Layze Machado. São Paulo, 8 fev. 2019.

APÊNDICE

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistado: Júnior Soares – Compositor, músico e fundador do Arraial do Pavulagem.

Sobre o Instituto Arraial do Pavulagem

1. Inicialmente gostaria que me contasse sobre o histórico do Instituto Arraial do Pavulagem.

Falando um pouquinho da história do Arraial do Pavulagem, a gente começou de uma forma bem despretensiosa. Na verdade a intenção não era chegar na realidade que chegamos hoje, com esse nível de complexidade, de relação com a comunidade, que a gente tem aqui no estado do Pará. A nossa intenção era se reunir pra trocar ideia [...] a gente tá falando de 32 anos atrás. A nossa intenção, a princípio, era formar plateia pra nossa arte, nós somos músicos, eu e o Ronaldo Silva, que somos os remanescentes do grupo daquela época. Naquele tempo a gente fazia parte de um grupo que queria divulgar sua música, dialogar sua produção musical e formar plateia. Era basicamente isso. A gente tinha vindo de experiências não muito exitosas anteriormente como músicos individuais. Até porque a nossa relação aqui no norte, em regiões mais periféricas é assim “o que é bom é o que vem de fora”, existe ainda um conceito do colonialismo muito presente na gente.

Então pra burlar isto, e te digo que as coisas foram acontecendo de uma forma muito... não houve um planejamento inicial pra tudo, as coisas foram acontecendo pelas experiências que a gente foi tendo ao longo dos anos, no processo de “avança um pouco”, “ah, não tá certo aqui”, com isso a gente foi criando um produto cultural que se transformou em algo maior do que a banda Arraial do Pavulagem, que nós temos duas coisas: a banda Arraial do Pavulagem, que tem 9 discos gravados, DVD, Song book, onde tá toda nossa produção musical. E o arrastão do pavulagem, que se transformou em uma manifestação ao longo dos anos e que hoje é patrimônio Cultural de Belém. Essa manifestação, ela acabou crescendo de uma forma tão gigantesca quanto nossa concepção musical.

A medida que essas coisas foram acontecendo, com o tempo a gente pensou “vai ser impossível a gente continuar com os mesmos princípios de uma forma gratuita para as pessoas” – hoje eu tenho até uma análise diferente, eu faria diferente hoje – uma forma de acesso, fazer com que as pessoas tenham... formem plateia não só pra nós, mas pra cultura popular como um todo. Pra música, pra dança. As pessoas na época que nós começamos

tinham vergonha de dançar até o carimbo. Então acho que houve uma certa educação da cultura que acabou fazendo com que as pessoas se envolvessem mais com esses ritmos e com essa cultura nossa, e essa coisa do pertencimento aflorou. Das pessoas dizerem “a gente pertence a esse espaço, a essa produção cultural”, acho que isso fortaleceu ao longo dos anos com a manifestação, que começou com 20 pessoas, e hoje tem 30 mil pessoas atrás de um boi nas ruas de Belém.

O Instituto Arraial do Pavulagem ele já surgiu como uma necessidade nossa de, justamente, institucionalizar o que fazíamos. Tornar as nossas relações tanto com o poder público quanto com o privado mais institucionais. [...] Até então, a gente vinha no seguinte sentido: passava um chapéu no final da apresentação pra poder pagar os músicos que acompanhavam. Ao longo do tempo a gente passou a ter o apoio de diversas pessoas, tanto nas entidades de cultura, secretarias.. fomos pedir recursos ao longo dos anos, como todo artista faz. Com o Instituto, a gente passou a ter uma relação mais profissional com essas instituições.

Eu me formei em economia e eu entedia, naquele momento, que uma profissão da área poderia me ajudar na concepção desses objetivos na área cultural. Aí eu fiz uma especialização, aqui no Pará mesmo, em administração de projetos culturais e aí parti pro lado de editais de incentivo, etc., etc. Então a partir desse momento não descartamos o que vínhamos fazendo de ter a participação da comunidade contribuindo, mas também do poder público, que, mesmo se institucionalizando, nunca conseguimos captar o recurso suficiente pra fazer acontecer, já que as coisas cresciam exponencialmente. A cada ano que passava a gente projetava pra mil pessoas e envolvia 5 mil no final das contas, pra 10 e chegou a vinte, e assim foi. Esse número crescia de uma forma muito veloz para a quantidade de pessoas que iam acessar, e isso significa mais estrutura de tudo, de logística, de profissionais. Então a gente não descartou, e até hoje não descartamos, porque não conseguimos captar os recursos suficientes pra tudo isso, não descartamos a presença do poder público. Hoje nós somos patrimônio de Belém e por isso a prefeitura de Belém tem um certo compromisso com a gente, de entrar, pelo menos na parte de estrutura dos shows musicais que acontecem na praça. Esse é o nosso formato de trabalho.

Com a vinda do instituto, a gente acabou se organizando mais. Criamos as oficinas com a formação de brincantes. O que antes era feito de uma forma muito empírica, a gente começou a estabelecer datas fixas no calendário, pra não depender tanto da imprensa e das rádios. Então hoje a gente não precisa nem dizer que vai acontecer em junho, por que as pessoas já

sabem que nos domingos de junho tem o arrastão do pavulagem. Então foram estratégias que foram sendo lançadas ao longo do tempo que formaram o que a gente é hoje.

Sobre as atividades oferecidas pelo Instituto

2. Em relação às atividades do Grupo: Poderia falar um pouco sobre quando surgiu a necessidade de se criar as oficinas? E sobre a ideia de trazer para a comunidade a nossa cultura local?

- 2.A Qual a estrutura atual/ onde acontecem as atividades? Quais são os parceiros?

A gente ainda não evoluiu nessa parte, porque a gente faz um negócio gigantesco mas são poucas pessoas fazendo. A gente tem uma sede, que tem um regime de comodato. É um espaço da Santa Casa de Misericórdia do Pará, que fica na Boulevard Castilho França e nesse lugar funciona tudo o que a gente faz. O que nós aproveitamos é que na frente da sede tem a praça dos estivadores, onde tudo acontece lá. Como as oficinas são pra 200 pessoas, a gente acaba utilizando a praça como uma extensão do Instituto.

O Instituto Arraial do Pavulagem tem um presidente, um vice e um conselho fiscal, com um suplente e uma diretoria. Abaixo deles, a gente não tem definida uma estrutura. Mas tem o pessoal que cuida da comunicação, tem o pessoal que cuida da infraestrutura, e o pessoal que cuida da organização das oficinas. Como eu sou funcionário público, eu não atuo como membro, mas é como se eu e o Ronaldo estivéssemos no conselho consultivo dessa galera, interagindo com todo mundo.

- 2.B Quantas pessoas oferecem as oficinas? Qual o perfil dessas pessoas?

Hoje em dia todos os nossos professores são ex-alunos. O Rafael Barros, que hoje é quem comanda o batalhão, nossa percussão, ele foi formado nas oficinas e hoje é um grande percussionista da cidade e coordena as oficinas de percussão junto com o Frank que é outro músico também. A dança, a Patrícia, que já foi da coordenação, também veio de oficinas. As pessoas que antes faziam as oficinas acabaram tendo outras formas de trabalho, alguns viajaram, outros viraram professores de universidade, então a gente acabou aproveitando as pessoas que saíram das oficinas. Em todas as oficinas é assim, os professores são ex-alunos.

- 2.C Quantas pessoas são atendidas com as oficinas? Com que periodicidade elas ocorrem? Como definiria o perfil dessas pessoas?

O perfil dessas pessoas é gigantescamente diverso. O que é maravilhoso!

Porque assim, a nossa ideia é criar um ambiente onde tivesse interação entre todos. Ele não tem nenhum tipo de restrição a pessoas. Nós temos apenas uma restrição de idade para quem vai usar a perna de pau, que tem que ser acima de 8 anos e com a presença de responsável e etc. E a presença de menores de 18 anos que também tem que estar acompanhado dos pais. Mas fora isso, com sexo, opção, o que seja, não tem problema. Às vezes a gente pergunta pra essas pessoas: “da onde é o Arraial do Pavulagem” e todos eles se acham do Arraial do Pavulagem. Eu acho muito bacana isso. Todos eles que saem das oficinas e tocam na banda, todos eles são Arraial do Pavulagem. Todos eles saem dizendo “eu sou do Arraial do Pavulagem”. E essas pessoas vêm da região metropolitana de Belém. Tem gente que vem de Mosqueiro, com 60km, tem gente que vem de Castanhal. Eles pedem uma licença especial pra faltar 1 ou 2 dias, já que eles precisam ter uma frequência de 70% nas oficinas pra poder fazer parte da história. E que bom que a gente consegue ter essa amplitude de público.

O que eu fico fazendo uma análise ao longo do tempo, é que a gente, logo no início, essa coisa da tradição sempre foi vinculada à uma coisa de velho. Então a gente tinha muito a presença de idosos, avós que levavam as crianças, e eu diria que, no início, até uns 15 anos da nossa existência, nós tínhamos 70% de pessoas nessa faixa etária e 30% de jovens. Hoje esse percentual se inverteu. É muito doido isso. O envolvimento dos jovens, nesse aspecto de pertencimento mesmo. Eu acho que virou modinha também, é aquela coisa de “vamo lá, que tá todo mundo lá”. E são espetáculo com acesso pra família toda, esse aspecto de ser familiar levou todo mundo pra lá, claro que cada um com seus objetivos, mas acreditamos que grande parte das pessoas estão com esse sentimento de pertencimento da cultura paraense.

- 2.D Quais as oficinas oferecidas? Quais são as mais procuradas?

As oficinas que fazemos são para formar brincantes para o Arrastão, então a gente forma pessoas dentro da linguagem da atividade que a gente desenvolve dentro do Arrastão. Percussão, onde envolve muita gente; a dança, por entender que não dá pra dissociar a dança da música, acho que você se envolve e atinge uma plenitude maior no conhecimento quando você associa a dança à manifestação; o canto, porque isso parte do nosso princípio de ensinar as nossas músicas, para as pessoas cantarem nossas músicas e formar plateia pra nós. Ao

mesmo tempo, pensando na ludicidade e na estética do cortejo, os pernas de pau, que ficam acima das pessoas e acabam dando uma visualidade interessante ao boi.

A gente, esporadicamente, faz algumas outras atividades que a gente não chama de oficinas. A gente chama de vivências, onde a gente escolhe, por exemplo, um artesão e ele produz os adereços, produz o boi bumbá, produz os cabeçudos, e a gente junta com esse cara umas 5 ou 6 pessoas que vão construir isso com ele e aprender também uma forma de multiplicar esse conhecimento.

São formas diferentes, mas todas essas ações estão na direção de atingir aquela coisa do pertencimento. As pessoas passam por essas oficinas, entendem como é a cultura, de onde vem os ritmos, de onde vem aquele tambor, de onde vem aquelas manifestações que a gente aborda, aí nós acreditamos que isso traz uma sensação de pertencimento pra essas pessoas. E isso sem dúvida acaba impactando na autoestima. Eles acabam olhando de uma forma diferente para a cultura paraense.

A oficina que naturalmente tem mais gente querendo é a de percussão. Todo mundo quer tocar no batalhão. É impressionante.

2.E Como as oficinas são mantidas? Com que tipo de recursos?

As oficinas fazem parte desses grandes projetos do Arrastão. Existe o projeto chamado Arrastão do Pavulagem, que acontece no mês de junho e no mês de outubro, são dois momentos. Hoje posso te dizer que ainda estamos em busca de captação para esse ano, mas posso dizer que ano passado foi patrocinado pela Vale, direto, nem foi usada lei de incentivo, e isso foi 50%. Os outros 50%, que estão mais ligados a parte de estrutura e logística foram dados pela prefeitura de Belém. E a parte de manutenção diária do instituto e das próprias oficinas, a gente acaba trazendo de atividades que a gente acaba cobrando. A gente faz algumas atividades na sede e aproveita pra captar recursos para cobrir o custo de luz, água, das pessoas que tomam conta de lá, então a gente acaba fazendo pequenos eventos na sede pra isso.

Estamos já com a promessa da Vale esse ano, não sei como que vai ser com relação a essa última tragédia de Brumadinho, mas já temos um aceno nessa direção. Nós temos um aceno da prefeitura também pra questão da estrutura e temos, pela lei estadual, um projeto em negociação com a Celpa, para utilizar a lei semear que é a lei de incentivo a Cultura do Estado do Pará.

2.F Como percebe o papel dos patrocinadores para as atividades do Instituto?

Eu entendo que o patrocinador não é só aquele que dá o dinheiro. Ele tem que interagir. A Vale usa os seus direitos de uso de imagem, dessa associação de imagem com a gente que é forma de ter o retorno potencializado deles. Acho que o alcance da mensagem e das coisas que fazemos via mídia, via imprensa, via marketing, eu acho que ela foi realmente potencializada e muito com essa parceria que a gente tem com a Vale. Acho que isso foi fundamental pra nós. Não temos essa capacidade tão grande de, por exemplo, produzir filmes, documentários, clipes, que são muito caros. Então isso não entra no budget do projeto, mas a empresa acaba fazendo como um bônus a mais, até pra ela aparecer. Então dessa forma acho que a gente conseguiu avançar e muito com relação ao conhecimento do que nós somos e do que a gente tá querendo fazer na região amazônica. Eu acho que esse é o ganho mais positivo e claro, com a tranquilidade de ter o recuso financeiro pra pagar as pessoas. E mesmo sem dinheiro, já tiveram momentos em que as pessoas saíram sem receber nada, porque existe uma paixão por isso.

2.G Como percebe a participação do Instituto nos editais de incentivo à cultura? Quais editais o Instituto tem submetido?

Nós temos um projeto aprovado pela Lei Rouanet, por uma empresa que até agora não conseguimos. Está parado em Brasília, disseram que ia sair agora em janeiro mas tá tudo parado por lá. Esse projeto envolve a manutenção do ano inteiro e temos o projeto do arrastão na lei Semear, mas também tem outros projetos de produtos que nós fazemos que são aprovados na Semear não necessariamente ligados ao Arrastão. Como a feitura de Song book, de disco, então a gente acaba aprovando pra outras áreas pra aumentar as ofertas que atendam ao perfil do patrocinador.

2.H Como produtor cultural, como você percebe esse cenário no estado, mais especificamente na capital Belém

O estado do Pará, assim como muitos da federação também, tem uma diversidade gigantesca de manifestações de produção artística. Então pra onde você apontar o seu nariz tu tem muita gente fazendo. Claro que muita gente fazendo de forma amadora, mas tem muita coisa boa acontecendo no estado. Então eu entendo que é muito difícil você conseguir

implementar uma melhoria para todos esses agrupamentos de pessoas que fazem cultura. Mas eu percebo que nos últimos dois anos, acho que muito decorrente desse momento econômico que o Brasil passou, de pouco investimento por parte das empresas na cultura, houve um decréscimo nessa produção, ou pelo menos na circulação desses bens aqui no estado, então isso atrapalhou. Então como houve esse decréscimo da oferta das empresas, alguns agrupamentos artísticos se organizaram em forma de coletivos e acabaram fazendo a diferença. Alguns festivais foram criados que tem esse formato de juntar um bocado de gente e fazer um evento. Isso foi o que mais avançou nos últimos anos. E talvez alguns artistas nossos, que por conta de um avanço de exibição acabaram se destacando. Aí eu falo de Dona Onete, Gabi (Amarantos), Felipe Cordeiro, Luê, que foram pessoas apresentadas ao mundo por um projeto do estado chamado Terruá Pará, que acabou viajando o país e foi um painel bacana. As pessoas que participaram desses momentos acabaram tendo uma certa diferenciação nessa cena. Então algumas produtoras estão por trás desses artistas, gerando uma profissionalização da produção nessa área.

Sobre os resultados obtidos

3. Existe alguma forma de medida em relação ao impacto social das atividades do Grupo?

Nunca nos preocupamos com isso. Eu acho que isso vai ser uma forma avanço, talvez o nosso futuro seja nessa direção, de metrificar essas coisas. O que nós temos são depoimentos. As pessoas chegam e falam, a gente vê melhorias nas relações dentro das famílias e essas famílias falam isso pra gente. Hoje em dia eu vou pro arrastão e nem faço mais nada, eu vou falando o tempo todo com as pessoas, que vêm compartilhar suas experiências: Olha o meu filho começou a ir pra escola, porque eu disse que se ele não fosse pra escola ele não ia pro arrastão, então ele tá tirando boas notas porque eles gostam de tá aqui. A senhorinha idosa falando “Poxa, isso aqui é um sonho, minha família tá toda aqui gostando disso”, outros que dizem assim “eu tava em depressão e acabei me salvando pela forma de solidariedade que eu encontrei aqui dentro”. Então são assim, pontos que eu abordei pra ti entender que essa cidadania cultural que a gente busca nunca foi metrificada mas a gente percebe nas pessoas que tão lá, nos olhinhos dela a diferença que a gente faz na vida delas.